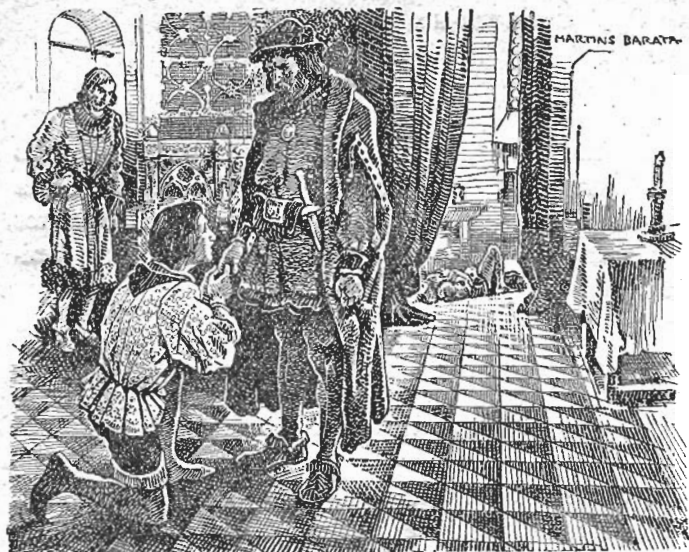


D. JOÃO II E O
DUQUE DE VISEU



Setúbal, 28 de Agosto de 1484.

Esta pacífica vila vive horas de terror e espanto! As portas estão cerradas e mui bem guardadas, lêem-se grandes e temerosos pregões na praça pública, os ginetes da guarda de El-Rei andam a percorrer os caminhos em várias diligências, e há ordem de prisão contra muitas pessoas da primeira nobreza do Reino.

É que foi descoberta nova conjura contra a vida do Rei Nosso Senhor, da qual eram cabeças D. Garcia de Meneses, Bispo de Évora, e o senhor D. Diogo, Duque de Viséu.

Daí as buscas e prisões ordenadas e a justiça que esta noite foi feita na pessoa do jôvem e desventurado irmão da Rainha D. Leonor.

Narremos o que, sôbre estes tristes factos, conseguimos apurar.



A sentença, que em Évora se executou, degolando D. Fernando, Duque de Bragança, parece que devia ter servido de aviso a todos os fidalgos irrequietos e ambiciosos que guardassem ainda qualquer animadversão contra o seu Rei.

Foi, nessa ocasião, paternalmente admoestado o Duque de Viseu, a quem Sua Alteza tanto queria, e contra quem não procedeu com mais rigor pelo amor e respeito que dedica à Rainha sua espôsa.

Mas nem o temor do cutelo nem a suavidade dos conselhos desarmaram completamente aquêles maus portugueses, que continuaram a alimentar abominável sanha contra El-Rei e a congeminar o crime horroroso de lhe tirar a vida.

Começou a ser planeada a nova conjura quando a Côrte se trasladou a Santarém.

Instalou-se o Duque de Viseu nas casas do rev. Arcebispo de Lisboa, junto ao mosteiro de S. Domingos das Donas, já fora da cêrca da cidade. O Bispo de Évora, D. Garcia, poisou nas casas de um tal Afonso Caldeira, junto ao postigo de Santo Estêvão. Este prelado, que, por suas letras, fidalguia e haveres, deveria ser o primeiro a dar o exemplo de vassalo obediente, concebeu tal rancor contra El-Rei que foi êle o instigador e o mau conselheiro de tôda esta negra trama.

Saía ocultamente, pelo postigo junto às casas onde habitava, e ia procurar o Duque para lhe instilar, no espírito vaidoso e inconsiderado, a peçonha da sua maldade. Cativou-o fazendo-lhe entrever que, uma vez morto El-Rei D. João, êle, Duque, seria alçado

a governar. A ambição de ser rei turvou completamente o coração do Duque de Viseu, e assim é que, dentro em pouco, aos dois conspiradores se juntavam D. Fernando de Meneses, irmão do Bispo, Fernão da Silveira, escrivão da puridade de El-Rei e filho do Barão de Alvito, D. Guterrez Coutinho, filho do Marechal, a quem El-Rei havia dado a comenda de Sesimbra, D. Álvaro de Ataíde, irmão do Conde de Atouguia e do Prior do Crato, e seu filho D. Pedro de Ataíde, o Conde de Penamacor, D. Lopo de Albuquerque e Pero de Albuquerque, seu irmão, alcaide-mor do Sabugal, e outros fidalgos.



Como se vê, era vasta a conspiração e abrangia pessoas da mais alta jerarquia. A-pesar disso andava tão bem urdida que só tarde Sua Alteza o Rei veio a tomar conhecimento dela. Soube-o — segundo aqui se afirma — por denúncia de Diogo Tinoco, irmão de Margarida Tinoca, manceba do Bispo de Évora, a quem êste, pelo visto, confiava os seus maiores segredos. Tinoco foi, primeiro, dar parte da conjura a Antão de Faria, para que informasse o Monarca do que se passava; mas, depois, procurou avistar-se com El-Rei e falou-lhe directamente, no Convento de S. Francisco, desta vila, porém, vestido de frade, para maior dissimulação. Parece que Sua Alteza lhe agradeceu muito o recado e lhe mandou dar 5.000 cruzados em ouro e uma renda vitalícia, paga de tão grande serviço.

Teve, depois, El-Rei mais precisas informações do que contra sua vida se tecia na sombra, por denúncia

de D. Vasco Coutinho, irmão de D. Guterrez, que, como se disse, conhecia o segrêdo da conspiração.

Como D. Vasco estivesse para sair do Reino, por agravos que dizia ter recebido de El-Rei, foi a Sesimbra despedir-se de seu irmão, que ali se achava residindo. Procurou D. Guterrez dissuadi-lo de tal propósito, dando-lhe a entender que dentro em breve sucederiam coisas que lhe permitiriam ficar vantajosamente em Portugal. Insistiu D. Vasco na sua; e então D. Guterrez Coutinho, para o resolver a não partir, revelou-lhe todo o plano da conjura. Não foi preciso mais para que aquêlé, como bom e leal fidalgo que é, logo procurasse Antão de Faria e por êle obtivesse audiência de Sua Alteza.

D. Vasco Coutinho pôs El-Rei ao corrente do que o irmão lhe contara — não sem ter primeiro implorado para êste o perdão da pena de morte. O Rei seria morto com ferro e o Príncipe D. Afonso levado para Sesimbra por mar e aí levantado por Rei, mas só enquanto o Duque de Viseu quisesse.

Estava, pois, assim o Monarca ao facto de tudo quanto se preparava contra êle. Mas convinha esperar o momento asado para infligir o castigo: era preciso obter mais provas e apanhar tôda a rêde dos conspiradores. Por isso El-Rei dissimula, não lhes dando a perceber que está prevenido do perigo que o cerca. Anda mui recatado, sempre armado de espada e punhal, e a cavalo, nunca em mula, para ter mais ágeis os movimentos.

Segundo há pouco alguém me contou, a primeira vez que tentaram assassinar El-Rei foi um dia em que andava a cavalo no Troino. Mas, apercebendo-se Sua Alteza — ou pelos gestos dos fidalgos, ou pela

expressão dos rostos, ou ainda por segredos que entre elles trocassem — de que procuravam ocasião propícia para o ferir, colocou-se de costas para a igreja de N.^a S.^a da Anunciada, e dali não se arredou até que chegasse o capitão das guardas, Fernão Martins Mascarenhas, com os seus ginetes.

A segunda foi, certa noite, quando descia a escada que conduz às casas da Rainha. Presentiu El-Rei que o seguiam e resguardou-se.

A terceira foi há poucos dias, no regresso de Alcácer. Planeavam matá-lo na praia, quando descesse do batel que o transportava. Prevenido, porém, por D. Vasco, veio por terra, pela Landeira, e assim frustrou novamente o golpe dos infames conjurados.

Não eram precisas mais provas nem convinha correr mais perigos.

*

Hoje mandou El-Rei recado ao Duque de Viseu, que se encontrava em Palmela com sua mãe, a senhora Infanta D. Beatriz, para que se apresentasse imediatamente na sua presença.

Era já noite quando o Duque chegou a Setúbal.

Recebeu-o El-Rei Nosso Senhor, no seu guarda-roupa, estando presentes D. Pedro de Eça, alcaide-mor de Moura, Diogo de Azambuja, que tornou há pouco de África, e Lopo Mendes do Rio.

Disseram-me alguns criados do Paço, com quem há pouco falei, que mal o Duque entrou na câmara, Sua Alteza o chamou de parte e lhe dirigiu algumas palavras, certamente de áspera censura pela reïncidência no seu condenável procedimento, após o que

tomou o punhal e rapidamente lho cravou no peito, caindo logo o Duque morto, sem soltar um gemido ou ai.

Mas também já ouvi a versão de que não foi El-Rei quem vibrou o golpe, porém que foi dado por sua ordem e na sua presença.

Em vista da hora a que isto se soube, das medidas ordenadas por El-Rei e do borborinho que vai pela vila, não me foi possível, a-pesar-do muito que o diligenciei, avistar-me com qualquer daquêles três fidalgos e conhecer assim tôda a verdade.

O que não oferece dúvidas é que o Duque de Viseu foi morto nas casas de Nuno da Cunha, onde, como se sabe, Suas Altezas estão a poisar, porquanto o seu corpo vai ser de lá transportado para a igreja matriz e aí colocado sôbre um catafalco coberto de panos de dó, para que todo o povo o possa ver.

Logo que o Duque caiu sem vida, ordenou El-Rei as diligências a que já fizêmos referênciã e mandou chamar à sua presença o Senhor D. Manuel, último irmão da Rainha Nossa Senhora, porque lhe queria falar.

A-pesar-de enfêrmo, acorreu êste senhor ao chamamento, acompanhado de seu aio, Diogo da Silva. Tão novo ainda — pois conta 15 anos apenas — ao entrar onde estava El-Rei, vinha pálido e atemorizado por tudo quanto se passara. Mas Sua Alteza sossegou-o e disse-lhe que tinha sido morto o Duque, seu irmão, porque quisera matar a Sua Alteza; que tôdas as coisas que êle em vida tinha ficavam pertencendo à Coroa, porém, que delas, dali em diante, lhe fazia pura doação para sempre, pois bem sabia que êle, Rei, o amava como ao próprio filho. Para prova do

que dizia, declarou-lhe que, se o Príncipe vier a falecer e elle não tiver outro filho legítimo, a partir dessa hora, o haverá por filho e herdeiro de todos seus reinos e senhorios.

Isto ouvindo, chorava o Senhor D. Manuel; e chorava El-Rei porque grande parte destas desventuras as attribuía a seus pecados, posto que fôsem por culpas alheias.

D. Manuel, com muito acatamento, pôs os joelhos em terra e beijou a mão a El-Rei, que lhe mudou o título de Duque de Viseu — o qual lhe competia pela morte do irmão — no de Duque de Beja e senhor de Viseu, que ora tem.

*

O Bispo de Évora, que naquela hora estava com a Rainha, bem descuidoso do que se passava, foi chamado fora e logo preso.

Consta-me que já prenderam D. Guterrez Coutinho e D. Fernando de Meneses, mas disto ainda não obtive confirmação.

Consta-me também que El-Rei mandou que, pelo dr. Nuno Gonçalves, juiz, e por Gil Fernandes, escrivão da sua câmara, fôsse redigido um auto narrando porquê e como fôra morto o Duque seu cunhado, e no qual depõem, como testemunhas, D. Vasco Coutinho e Diogo Tinoco.

E é tudo quanto, até agora, consegui saber. A seu tempo darei conta do resultado das buscas e batidas feitas na vila e fora dela, dos castigos infligidos aos outros culpados e do mais que sôbre estes tristes successos houver.

Ergamos todos graças ao Altíssimo por El-Rei ter escapado desta tenebrosa conjura e esperemos em Nosso Senhor Jesu Cristo que a justiça que se fizer abata por uma vez os braços criminosos que se têm erguido para o atingir.